
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Edição Especial N.5. Jan./Abr./ 2019 p. 123-145

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Linguagens e produções de sentidos como saberes culturais e práticas educativas

**Cinema e formação de professores de Educação Física: relatos de experiência
com seminários de cinema na Universidade Federal de Sergipe**

*Cinema and professional training of Physical Education teachers: experience reports
with cinema seminars at the Federal University of Sergipe*

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Fabio Zoboli

Cristiano Mezzaroba

Renato Izidoro da Silva

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Aracaju-Sergipe-Brasil

Resumo

Neste texto apresentamos um relato de experiência que tentou desenvolver no curso de formação de professores de Educação Física (EF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) novos repertórios culturais por meio da exibição e debate de obras cinematográficas que interpelam temáticas diversas que permeiam a área. Explicitamos o histórico dos Seminários de Extensão no curso de Licenciatura em EF da Universidade Federal de Sergipe, intitulados “Cinema, Corpo e...”, bem como a metodologia utilizada. Ao final, refletimos sobre as implicações políticas dessas experiências estéticas na dimensão formativa desses futuros professores, no sentido de pensar o corpo e suas práticas culturais a partir do cinema.

Palavras-chave: Cinema; Formação de Professores; Educação Física.

Abstract

In this text, we present an experience report that aimed to develop in the Physical Education (PE) under graduation program of the Federal University of Sergipe new cultural repertoires through the exhibition and debate of cinematographic works that interpolate diverse themes permeating the Physical Education area. We explain the history of extension seminars in the PE licentiateship program of the Federal University of Sergipe entitled “Cinema, Body and...” as well as the methodology used. In the end, we reflect on the political implications of these aesthetic experiences on the formative dimension of these future teachers, in the sense of reflecting upon the body and its cultural practices from the cinematographic experiences.

Key-words: Cinema; Teacher training; Physical Education.

Introdução

A presente reflexão pedagógica tem como objeto a experiência dos Seminários de Extensão sobre Corpo e Cinema no contexto do Curso de Formação de Professores em Educação Física (EF) na Universidade Federal de Sergipe (UFS). No texto apresentamos o cinema enquanto ferramenta pedagógica que potencializa o repertório cultural destes professores em formação através das experiências concretas para tratar do filme como artefato simbólico capaz de ligar o que é próprio da arte a uma certa forma de ser da comunidade que a consome com a intensão de interpelar a política e a estética (RANCIÈRE, 2011).

A proposta dos seminários anuais sobre corpo e cinema está ligada ao fato de a formação docente no Brasil vir sofrendo impactos de políticas educacionais de diversas ordens e matrizes políticas ao longo de sua trajetória republicana. Sob inúmeras variantes, democráticas ou autoritárias, de nossa República, a formação docente esteve no centro das discussões acerca da formação da identidade nacional e, assim, de toda problemática da intolerância política e ideológica envolvendo raça, etnia, gênero, religião, classe social, dentre outras. Não obstante, tais impactos, principalmente após a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961, são percebidos no “chão da escola”, no âmbito das experiências pedagógicas, e no espaço universitário das licenciaturas que as tensões em torno da qualificação dos professores efetivamente se realizam.

Para Dantas Junior (2012) a arte pode e deve ampliar a diversidade cultural, posto que a redução da percepção do outro limita nossos horizontes de contato e alimenta práticas e ideias intolerantes, assim como a redução da capacidade de pensar está diretamente vinculada à redução da capacidade de sentir no campo da alteridade. Desta forma, as instituições que lidam com a educação precisam desenvolver a autonomia dos sujeitos, encontrando o justo equilíbrio entre razão e sensibilidade, entre política e estética da diferença. Pensar o corpo e suas práticas culturais a partir do cinema são vias fecundas para esse desafio.

A fim de cumprir com o anunciado, ou seja, refletir pedagogicamente a experiência dos Seminários de Extensão sobre Corpo e Cinema, estruturamos este relato em duas

seções: inicialmente apresentamos a metodologia e a breve história do seminário, refletindo sobre a experiência das várias edições a partir de uma síntese narrativa dos filmes exibidos em cada edição da mostra. Depois, nas considerações finais, conjecturamos sobre as implicações dessas experiências formativas àqueles(as) que futuramente serão professores(as) de EF.

Metodologia e breve história dos seminários de extensão “cinema, corpo e...”: relatando a experiência

A proposta inicial do seminário de extensão de cinema foi feita pelo professor Hamilcar Silveira Dantas Junior no ano 2010. Desde lá os docentes da licenciatura em EF da UFS têm anualmente reunido as comunidades acadêmica e escolar ligadas direta ou indiretamente à referida área de formação. Os eventos ocorrem no início de cada ano letivo com duração de três ou quatro dias subsequentes. Em cada um dos dias é realizada a exibição de um filme que envolve alguma temática cuja centralidade é o “corpo”, seguida de comentários de um docente ou pesquisador convidado, que na sequência dialoga com a plenária acerca das questões levantadas.

Aqui é importante mencionar que o corpo abordado sob a perspectiva da cultura não existe fora de sua prática, pois pretender investigar corpos em detrimento de suas práticas significa reduzi-los ao seu lado natural e físico, é colocar sua biologia à frente do social incorporado, é confundir o natural com o naturalizado (GALAK, 2017). Desta forma o Seminário assume o corpo como campo de debate para suas edições na medida em que o considera somente a partir de suas práticas. Por práticas corporais compreendemos “un cuerpo que nunca puede separarse de su práctica, en el que nunca puede aislarse algo como un sustrato natural o un principio sustancial, sea físico o biológico” (CRISORIO, 2015, p.34).

Nos últimos oito anos, ao longo de todas as edições já realizadas, foram exibidos 32 filmes com suas respectivas palestras, tendo como público participante centenas de pessoas, quando foram abordados temas como saúde, deficiência, sexualidade, esporte, futebol, religião etc. Sem a pretensão de esgotar as temáticas, tensionadas então pelas palestras de professores da universidade e da educação básica sergipana, os encontros oportunizaram aos alunos assistirem a filmes de gêneros, nacionalidades e gramáticas

diversas, além de circulação e distribuição comercial restrita – raramente exibidos em salas de cinema ou canais de televisão aberta, com algumas exceções disponibilizadas em canais por assinatura.

O cinema consiste em uma oportunidade efetiva para as sociedades nacionais espalhadas pelo mundo ampliarem seus acervos culturais, políticos e econômicos, abrindo possibilidades de experiência de alteridade capazes de fundamentar subjetividades dispostas à recepção ou à interação positiva das diferenças e da diversidade humana.

Entendemos que a possibilidade de ampliação do repertório cultural que pensamos enquanto experiência ofertada aos participantes se relaciona como uma forma de contribuição à formação cultural dos sujeitos, futuros professores de EF, que têm a oportunidade de acessar e incorporar um outro *capital cultural*ⁱ, como sugerido por Bourdieu (1992; 2015a; 2015b), isto é, uma forma institucionalizada e simbólica, via universidade, que participa do processo de formação ampliada desses futuros professores.

Na rotina dos Seminários, o primeiro desafio era a escolha da temática central que possibilitava variantes múltiplas, desde o contexto imediato (um evento, um acontecimento) a questões mais amplas e atemporais. Em seguida, os organizadores discutiam os filmes a serem exibidos, destacando variedades na forma narrativa, no gênero e na nacionalidade. Perspectivávamos oferecer aos licenciandos a maior gama possível de experiências cinematográficas. Por fim, a escolha de professores como palestrantes que não se restringissem ao Departamento de EF, mas que sujeitos de diferentes formações e locais de atuação expusessem seus pontos de vista e ampliassem as percepções do público acerca da temática, do filme exposto e de suas relações com a temática do corpo e a sociedade/cultura. De igual modo, convidávamos professores da Educação Básica de modo a estreitarmos os laços com a escola, *locus* essencial para a formação docente.

A partir da segunda edição do evento em 2011, o Prof. Hamilcar convida o grupo Labomídia da UFS, na pessoa do Prof. Cristiano Mezzaroba (então coordenador daquele grupo) para contribuir com a organização e realização do evento, parceria esta que se estende até os dias atuais. No ano de 2013, na quarta edição, o Grupo “Corpo e Políticaⁱⁱ”, coordenado pelos Profs. Renato Izidoro da Silva e Fabio Zoboli, também são inseridos no

evento. Em 2016, com a abertura do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE/UFS), o evento também passa a ser veiculado em parceria com a linha de pesquisa “Cinema e narrativas do contemporâneo”, onde os professores Hamilcar, Fabio e Renato atuam como docentes-pesquisadores.

No que tange às questões da exibição dos filmes nos seminários iniciamos os mesmos em 2010 e, face à realização da Copa do Mundo de Futebol na África do Sul, elegemos como temática, **“Cinema, Corpo e Copa do Mundo”**. Objetivamos discutir a Copa do Mundo à luz de produções cinematográficas que enfatizam o futebol, perspectivando análises críticas e criteriosas acerca da sua inserção social, mas também em um diálogo estético entre Esporte e Arte.

Ao definir a programação foram feitas duas opções: uma de estética cinematográfica, outra conceitual e prática acerca do futebol. Fizemos a opção de exibir quatro filmes, sendo dois de ficção e dois, na acepção comum, documentáriosⁱⁱⁱ. É uma tradição dos espectadores apreenderem o documentário — por conta do uso de imagens de arquivo, de entrevistas com personagens históricas reais — como representação fidedigna do real, enquanto os filmes de ficção, ainda que “baseados em fatos reais”, sejam apenas uma representação da realidade – “o real precisa ser ficcionado para ser pensado” (RANCIÈRE, 2009, p. 59).

Diante desta decisão foram exibidos os documentários, “Os subterrâneos do futebol”, dirigido por Maurice Capovilla em 1965, e “Todos os corações do mundo”, dirigido por Murillo Salles em 1995. No primeiro, às portas do golpe militar de 1964 e após o bicampeonato mundial de futebol em 1962, Capovilla revela as condições de vida do jogador de futebol em contraste à paixão do brasileiro pelo esporte. Denuncia a problemática dos jovens que veem nesse esporte a grande chance de ascensão social, riqueza e fama. Ao entrevistar jogadores e treinadores desnuda as dificuldades e obstáculos, a violência, a estrutura econômica e política dos bastidores, enquanto seu foco sobre os torcedores busca demarcar os limites entre a paixão e a alienação. Na segunda película, ainda que seja o “filme oficial da *FIFA World Cup 1994*”, Murillo Salles não fez um filme de glorificação do evento, mas uma síntese entre as expressões de seus protagonistas (atletas e treinadores), dos torcedores nos estádios e nas ruas, traçando um

panorama da paixão pelo futebol em todas as suas vibrantes contradições, principalmente nos EUA, um país que desconhecia tal paixão.

Por seu turno foram exibidos dois filmes de ficção. Em “A bola da vez”, filme britânico de 2006, dirigido por Paul Weiland, um garoto anglo-judeu anseia por assistir à final da Copa de 1966, na qual a Inglaterra sagrar-se-ia campeã. Todavia, a final está marcada no mesmo dia e horário de seu *Bar Mitzvá*, a cerimônia de apresentação do jovem judeu à comunidade judaica através da leitura pública da Torá. Já em “O milagre de Berna”, filme alemão de Sönke Wortmann, lançado em 2003, acompanhamos a trajetória do garoto Mathias, amigo de Helmut Rahn, atacante da seleção alemã que está disputando a Copa do Mundo de 1954 na Suíça. Distante emocionalmente de seu pai, traumatizado pela 2ª Guerra Mundial, os dois se aproximam graças ao futebol e vão assistir à final da Copa na qual a Alemanha derrotaria o então “invencível” selecionado time húngaro com um resultado que dá título ao filme.

Nacionalidade, religiosidade, relações familiares, dimensões políticas, interesses institucionais e comerciais são reunidos em torno da mesma representação sociocultural, o futebol. É nesse contexto que sintetizamos a segunda opção na escolha dos filmes: perceber o futebol como uma grande metáfora da vida social em comunidades diversas. Para Franco Junior (2007, p. 166):

Futebol é conjunto de metáforas que deve ser visto na sua articulação, na sua complementação mútua, exatamente — para usarmos nós também uma metáfora — como os gomos de uma bola de futebol. Ou ainda como um mosaico que constrói com peças quantitativa e qualitativamente diferentes (jogadores, técnicos, profissionais de várias áreas médico-esportivas, árbitros, dirigentes, jornalistas, torcedores) a imagem-síntese do mundo em que vivemos. Imagem que mostra tanto a realidade externa (social, econômica, política) quanto a interna (anseios, medos, frustrações, esperanças, alegrias). Como boa metáfora, uma coisa no lugar de outra, o futebol é sentido antes de ser compreendido, e no entanto, como toda metáfora, ele pode, e deve, ser também analítica e criticamente examinado.

Na segunda edição em 2011, a temática foi **“Cinema, Corpo, Esporte e Globalização”**. Objetivamos aqui verificar as tensões e contradições das práticas esportivas em distintas realidades culturais: como se demarcam as identidades? Que impactos sociais são gestados? Quais as comunicações de ordem política e social?

Utilizamos filmes de quatro nacionalidades distintas, todos de ficção, mas com modalidades esportivas e estéticas cinematográficas diferenciadas. No filme inglês,

“Driblando o destino”, da cineasta indiana Gurinder Chadha, duas jovens (uma inglesa e outra indiana) sonham em jogar futebol profissional e esbarram nos preconceitos de gênero e orientação sexual das famílias, além da tradição cultural e religiosa da família indiana. Já em “Linha de passe”, filme brasileiro, dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas em 2008, acompanhamos a trajetória de uma mãe solteira e seus quatro filhos na periferia de São Paulo e suas vinculações com a criminalidade, as igrejas evangélicas e os sonhos profissionais, dentre eles, o de ser jogador de futebol mergulhado na corrupção que permeia as relações entre empresários e o aliciamento de menores nas “peneiras” de futebol.

O filme estadunidense de Clint Eastwood, “Invictus” é a típica epopeia *hollywoodiana* de vitória e redenção. Centra-se na tentativa do presidente sul-africano Nelson Mandela em unificar socialmente o país após décadas de *apartheid*. Essa oportunidade chega com a realização da Copa do Mundo de Rúgbi, na África do Sul, em 1995. Um esporte típico do colonizador britânico e amado pela população branca será utilizado por Mandela para unir o país em torno do lema: “um time, um país”. A então improvável vitória dos anfitriões reúne a todos em uma festa final redentora.

Por fim, foi exibida a animação francesa, dirigida por Sylvain Chomet, de 2003, “As bicicletas de Belleville”. A animação narra a história do pequeno Champion, um menino solitário que só sente alegria quando está em cima de uma bicicleta. Percebendo a aptidão do garoto, sua avó começa a incentivar seu treinamento, para fazê-lo um verdadeiro campeão e poder participar da Volta da França (*Tour de France*). Porém, durante a disputa, Champion é sequestrado. Sua avó e seu cachorro Bruno partem em sua busca, indo parar em uma megalópole localizada além do oceano e chamada Belleville. O filme se constitui de uma estética completamente distinta das animações comuns a que o público brasileiro tem acesso, tanto na composição corporal dos personagens, quanto nas cores e na dinâmica narrativa oportunizando outras experiências cinematográficas.

Os objetivos postos nesse seminário se solidificaram em torno da percepção de globalização enunciada por Stuart Hall (2006). Diante da compressão espaço-tempo, da aceleração dos processos, contatos e deslocamentos globais de corpos físicos, de ideias e identidades, é possível que as identidades nacionais estejam em declínio ou se desintegrando gerando novas identidades híbridas. No entanto, há movimentos patentes

de resistência a este movimento buscando preservação de identidades locais e particularistas. Os filmes desse seminário exploraram choques culturais e a busca de afirmação dos interesses de indivíduos e de Estados em contraponto a mercados cada vez mais mergulhados em interesses globais homogeneizadores.

No segundo semestre de 2011 realizamos a terceira edição, desta feita com a temática **“Cinema, Corpo, Esporte e Jornalismo Esportivo”**. Objetivávamos verificar como a mídia impacta as relações dos sujeitos com o esporte, quais as tensões e contradições que são geradas pela mídia esportiva especificamente, além das mediações estabelecidas pelos homens com os produtos veiculados por estes meios de comunicação. Nesta edição todos os filmes foram considerados como ficção, porém todos de língua inglesa: três produções estadunidenses e uma britânica. Tal decisão foi motivada pelo reconhecimento da força com que a imprensa, especificamente, e a mídia esportiva em geral, destes países, são as mais desenvolvidas e de maior alcance mundial.

No filme *“Hooligans”*, de Lexi Alexander, lançado em 2005, buscamos apreender a relação dos *hooligans* ingleses com o jornalismo em meio às rotinas de jogos e violência no Reino Unido. O território restrito dos *hooligans* é “invadido” de modo inconsciente por um jovem estudante de jornalismo de Harvard que se lançará na escalada de violência do grupo com consequências trágicas. Se neste filme a ação jornalística é casual, em *“Um domingo qualquer”*, de Oliver Stone, assistimos à relação promíscua entre os atletas da Liga Profissional de Futebol Americano, seus dirigentes e a mídia esportiva, mais preocupada com os escândalos e polêmicas no entorno do negócio esportivo do que propriamente no desenvolvimento do esporte. O espetáculo subsume a vida dos sujeitos que são expostos e dos sujeitos que os expõem.

Uma outra relação promíscua é explicitada em *“O resgate de um campeão”*, de Rod Lurie, produzido em 2007. No filme, um repórter esportivo acolhe um sem-teto e acredita que ele seja Bob Satterfield, uma lenda do boxe, que todos acreditavam estar morto. Assim, surge para o jovem a oportunidade de uma grande matéria, resgatando a história de um campeão. Esta jornada do ambicioso repórter, além das dúvidas que norteiam o sujeito boxeador, transformaria a vida dos dois ao estabelecer os limites entre verdade e mentira, seja na vida pessoal ou na vida profissional.

Por fim, “Duelo de campeões”, produção de David Anspaugh, do ano de 2005, é outra típica produção da indústria de Hollywood para louvação de heróis. Neste filme, um jornalista esportivo acompanha a aventura da seleção estadunidense de futebol na Copa do Mundo de 1950, cuja façanha maior foi eliminar o selecionado inglês na primeira fase da competição realizada no Brasil. Uma conquista inexpressiva que foi guindada ao ápice da glória face à nenhuma representatividade dos EUA no cenário futebolístico. A mídia esportiva neste momento se solidifica como a fabricante de discursos de glorificação, mesmo glórias sob suspeição de seu alcance, intensidade e representatividade.

As relações entre esporte e mídia têm sido cada vez mais estudadas no âmbito dos grupos de pesquisa da área de EF. Entendemos que, ante a força dos grandes grupos de comunicação, é preciso construir possibilidades de tensão com novas mídias populares em contraponto aos discursos hegemônicos. Nesse processo, conforme atesta Thompson (2002), as instituições midiáticas ampliaram seus negócios em grande escala, desde o século XIX, globalizaram a comunicação e informação a reboque de interesses financeiros e políticos, além de se aperfeiçoarem por vias digitais cada vez mais acessíveis impactando nossas vidas tanto do ponto de vista do conteúdo, quanto do ponto de vista simbólico de nossas percepções e sensações do mundo. Neste diapasão, ante a força imagética do esporte e sua penetração nos diversos âmbitos, primordialmente o escolar, a formação de professores não pode prescindir do domínio desses códigos e suas representatividades nas diversas instituições e comunidades.

Na quarta edição do Seminário, realizada em 2013, a temática foi **“Cinema, corpo, esporte e ídolos esportivos”**. Neste momento pretendíamos refletir acerca dos ídolos esportivos: como eles são vistos e tratados pelas narrativas cinematográficas; a relação entre suas personificações e inter-relações com as subjetividades das pessoas; os distintivos simbólicos e materiais que carregam; e seus impactos em relação à juventude, em especial, na formação das identidades.

Retomamos aqui o equilíbrio entre ficção e documentário ao explicitarmos uma categoria social que remete ao mágico, ao místico, ao sobrenatural, ao mesmo tempo em que se enraíza no real, nas rotinas dos aficionados pelo esporte. Para Franco Júnior (2007), os atletas são expressões do *eidolon*, ou seja, são representações materiais de entidades imateriais, sejam os clubes ou a nação. A ritualística, a formação de seitas, a

evocação de divindades, as narrativas fantásticas tornam-se a tônica do esporte moderno, racional e instrumental, porém divino e sobrenatural.

Em “Ali”, de Michael Mann, produzido em 2001, acompanhamos parte da trajetória de Muhammad Ali, sua técnica invejável, sua capacidade infindável de criar tensões (recusa-se a combater na Guerra do Vietnã, converte-se ao islamismo e engaja-se na luta pelos direitos civis), a oposição dos estadunidenses a ele até sua redenção na histórica vitória sobre George Foreman em 1974, no Zaire.

O cineasta sérvio Emir Kusturica vai até a Argentina e nos premia com o documentário “Maradona por Kusturica” (2008). Neste filme, o ídolo esportivo máximo de nossos *hermanos* é despido de sua aura mítica e desvela sua imersão no mundo das drogas e a constante luta para emergir desse poço. *Pari passu*, a película vai destacando seu valor futebolístico ao tempo que revela toda a paixão do povo argentino personificada na *Iglesia Maradoniana*.

Vindo ao Brasil, exibimos “Boleiros – era uma vez o futebol...” (2008), de Ugo Giorgetti, que transita pela glória e o ocaso de ídolos do futebol brasileiro, agora reclusos a uma mesa de bar e suas fotografias nas paredes. De maneira ora hilária, ora melancólica, as personagens vivem em uma recordação infindável de suas histórias gloriosas, trágicas, jocosas ou anedóticas. Desvela-se nesse filme a ampla gama de sentidos e significados do ser lembrado e ser esquecido socialmente, de modo especial no futebol brasileiro.

Por fim, apresentamos o clássico de Joaquim Pedro de Andrade, “Garrincha, alegria do povo”, de 1962. Após o êxtase do bicampeonato mundial de futebol no Chile, alguns meses antes do lançamento, o cineasta expõe o “anjo de pernas tortas” como a síntese do brasileiro: um herói improvável, um ídolo para além das paixões clubísticas ou nacionalistas, uma exposição do quanto é possível ser divinizado e ao mesmo tempo “cair em desgraça” ante os apelos da modernidade capitalista.

O seminário sobre ídolos esportivo partiu da perspectiva que a palavra *ídolo* tem seu fundamento etimológico no termo grego *eídolon* que nos remete a concepção de “duplo”. O *eídolon* “move-se em dois planos ao mesmo tempo contrastados: no momento em que se mostra presente, revela-se como não pertencente a este mundo, mas a um mundo inacessível” (VERNANT, 1990, p. 309). Desta forma o duplo é pensado de duas formas pelos gregos: *psyché* e *kolossós*.

A *psyché* está ligada às manifestações do ídolo associadas à sua imaterialidade: o imaginário que circunda sua trajetória, as discursividades geradas em torno de suas façanhas esportivas. O *kolossós* tem relação com a materialidade do duplo, algum signo degenerado que nos remete à personificação do duplo: uma estátua, uma miniatura do ídolo, a camisa, um corte de cabelo, um pôster, enfim, qualquer coisa que nos remeta materialmente ao ídolo enquanto duplo. Ambas as manifestações têm relação com toda uma herança grega ligada a epistemes dualistas; assim, a *psyché* está ligada ao imaterial e o *kolossós* a materialidade. Porém, a ideia grega de mundos duais nunca negou as relações tênues e tensivas entre estes opostos – de alguma forma complementares. Desta forma, discutir as práticas corporais que fazem alusão ao ídolo/duplo foi o centro dos debates fílmicos que suspenderam essa temática.

No ano de 2014, realizamos a 5ª edição do Seminário e, pela primeira vez, não tratamos do esporte como temática. Desta feita, o evento se propôs a apresentar e discutir duas questões “íntimas” à EF enquanto campo de conhecimento e de atuação: o corpo e a saúde, em estreita vinculação com as Ciências Sociais e Humanas. Com o tema “**Cinema, Corpo e Saúde**”, propomos refletir acerca do corpo mostrado no cinema em relação à biotecnologia, se uma mera especulação fictícia ou algo que já se apresenta em nosso cotidiano e nos faz redimensionar concepções e práticas em torno deste *corpo* que somos/temos. Questionar que saúde é essa que tanto buscamos e que parece cada vez mais um produto que pode ser acessado por uma minoria – embora os discursos procurem naturalizar que é algo acessível e fácil. Descobrir como drogas, psicopatologias e relações humanas podem nos ajudar neste debate. Por fim, e em relação aos impactos disso tudo, subjetivamente e objetivamente, o que pode ser feito enquanto mediação escolar, especialmente no campo da EF escolar.

Dados os avanços crescentes no tratamento de doenças, na identificação precoce de possíveis males futuros, na intervenção genética em níveis cada vez mais profundos, iniciamos os trabalhos com o filme de Andrew Niccol, “Gattaca – a experiência genética”, de 1997. No filme, ambientado em um futuro possível, os nascimentos não acontecem mais pelas vias convencionais (os filhos de Adão), mas sim pela manipulação genética redefinindo os futuros cidadãos e corrigindo eventuais deformações anatômicas ou deficiências fisiológicas. Neste ambiente, um jovem nascido “à moda antiga” cria

estratagemas para burlar a vigilância e submeter o destino que a ele foi traçado, o de um inválido. A problemática ética das manipulações genéticas e rebaixamento de sujeitos a sub-cidadãos torna-se o mote do debate.

Em seguida foram exibidos dois filmes que problematizam a temática das drogas, seus impactos nos organismos dos sujeitos, sobretudo seus desdobramentos familiares, sociais e políticos. No filme dirigido por Laíz Bodanski, em 2001, “Bicho de sete cabeças”, acompanhamos a trajetória de Neto e os horrores a que foi submetido em uma clínica para dependentes químicos. Sua internação, autorizada pelo pai, se deveu ao fato de ter sido encontrado um “baseado” dentro de seu caderno. Além do questionamento acerca do tratamento violento e desumanizado dos pacientes na clínica, o filme problematiza a incapacidade da sociedade, aqui expressa na família de Neto, em lidar com a temática das drogas e sua inserção social em uma dimensão cada vez mais antidialógica.

Nesta mesma toada, o documentário “Cortina de fumaça”, produzido em 2010 por Rodrigo MacNiven, debate a política de drogas no Brasil e no mundo, baseada na proibição de determinadas práticas relacionadas a algumas substâncias, notadamente a maconha. A defesa do diretor é que tal política precisa ser repensada porque muitas de suas consequências diretas, como a violência e a corrupção, atingiram níveis inaceitáveis no Brasil. O documentário traz informações documentais e depoimentos gravados no Brasil, Inglaterra, Espanha, Holanda, Suíça, Argentina e EUA, além de imagens em feiras e congressos internacionais, hospitais, prisões e instituições médicas. O depoimento de políticos, médicos, neurocientistas, psiquiatras, policiais, advogados, juízes de direito, pesquisadores e representantes de movimentos civis revela que tal temática não pode mais passar ao largo do debate público fundamentado e coerente.

Diante do contemporâneo, tentativas de discussão que orbitem a temática da saúde, em específico quanto à formação de professores de EF (por historicamente ser um campo associado aos saberes e práticas da saúde, principalmente no contexto escolar), devem ser cada vez mais experimentadas por todos aqueles/as que circunscrevem-se ao campo da EF, tensionando os vários mitos em torno das relações entre atividade física, exercício físico e práticas corporais com uma visão simplista de saúde e de corpo.

Entretanto, o exercício físico não é saudável em si, não gera saúde em si, é apenas e tão somente um elemento, num conjunto de situações, que pode contribuir para um bem-estar geral e, neste sentido, aprimorar a saúde, que não é um dado

natural, um *a priori*. Ao contrário, saúde é resultado, porque, mais que o vigor físico corporal, compreende o espaço de vida dos indivíduos, daí não ser possível medi-la, nem avaliá-la apenas pela aparência de robustez ou de fadiga. Sempre vinculada à saúde biológica, a Educação Física será protagonista de um projeto maior de higienização da sociedade. (SOARES, 2007, p.50).

Na sexta edição, realizada em 2015, o seminário trouxe à baila o tema “**Cinema, corpo e Infância**”, essa fase da vida tão rica, cheia de significados e simbolismos e que é definidora dos rumos posteriores da formação dos modos de relação nos campos da identidade e da alteridade. Debatendo questões prementes, tais como o trato familiar e educacional, a sexualidade e a personalidade, relação e alienação parental, o Seminário oportunizou a ampliação do olhar de educadores, estudantes e demais profissionais interessados na temática da infância e corporeidade.

Iniciamos com uma problemática essencial aos dias atuais, em que certo tipo de radicalismo religioso e anti-intelectualismo vêm tentando eclipsar a urgência do debate. Em “*Tomboy*”, filme francês, dirigido por Celine Sciamma em 2011, conhecemos Laure, uma garota de 10 anos, que vive com os pais e a irmã caçula. A família, extremamente unida e amorosa, mudou de residência há pouco tempo e, com isso, não conhece os vizinhos. Um dia, Laure conhece Lisa, que a confunde com um menino. Laure, que usa cabelo curto e veste roupas de menino, aceita a confusão e lhe diz que seu nome é Mickaël. Este é o ponto de partida para a descoberta de gênero e sexualidade de Laure e seu confronto com a família, a sociedade e Lisa.

Já o documentário “*A morte inventada*”, lançado em 2009 por Alan Minas, temos a problemática da alienação parental, que é explorada em todos os seus impactos sociais, psíquicos e emocionais sobre pais e filhos. Por meio de vários depoimentos conhecemos o drama de pais e filhos com seus elos rompidos por separações conjugais malconduzidas. São as vítimas da alienação parental. Assistimos ao contraste dos pais distanciados de seus filhos e o testemunho dos filhos vítimas desse abuso na infância e como essa alienação interferiu profundamente na sua formação.

Por fim, de maneira mais leve, o documentário francês, “*Bebês*”, de Thomas Balbés, observa a vida de quatro bebês em seu primeiro ano em países diferentes: Namíbia, Mongólia, Japão e EUA. A história vai revelando não apenas os costumes diversificados dos ambientes que os acolhem para a vida, como tudo o que os une. No primeiro estágio da jornada humana, os bebês lutam para conquistar o domínio do mundo ao redor e do

próprio corpo com base em parâmetros, regras, saberes, objetos, idiomas oferecidos por seus respectivos contextos culturais.

Infância não é simplesmente um conceito biológico sob o prisma etário de desenvolvimento. Infância é uma forma de ser/estar no mundo relacional, impactada e impactante pelas dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Sua relação com o cinema, segundo Teixeira, Larrosa e Lopes (2006), obedece alguns pressupostos: o cinema nos põe cara-a-cara com o comportamento infantil, seus movimentos, suas corporalidades, seus ruídos e silêncios; o cinema olha a criança, mas a criança nos olha de volta, nos encara e escancara nossos medos, frustrações e limites perceptivos. O cinema apresenta um espaço para ver/pensar a criança, compreender os limites de como representamos a infância, mas assumir nossa arrogância e incompletude ao representar um momento da vida cada vez mais distante, temporalmente, de nossa existência.

Em sua última edição, realizada em 2016, o Seminário centrou-se na temática **“Cinema, Corpo e Deficiência”**, no qual tencionou as questões ligadas ao âmbito das deficiências corporais e a complexidade de suas relações familiares, sociais, políticas e culturais. Inicialmente foi exibido o documentário *“Do luto à luta”*, produzido por Evaldo Mocarzel em 2005, o qual traça as dificuldades e as possibilidades de crianças com Síndrome de Down. Com experiência real em casa, um filho *down*, o diretor explicita as condições de preconceito que essas pessoas são submetidas e aponta reais caminhos de inserção social desde que superemos os estigmas historicamente criados.

Na sequência, dois filmes representam histórias reais de superação ante as deficiências. No primeiro, o filme francês dirigido por Julian Schnabel, em 2008, *“O escafandro e a borboleta”*, acompanhamos a história de Jean-Dominique Bauby, editor-chefe da prestigiosa revista *Elle*. Bauby, um homem que aproveitava a vida ao extremo com todos os sabores que o dinheiro lhe permitia, sofre um AVC devastador que o deixa paralisado e dependente. Como sequela, a única parte do corpo que é capaz de mover é o olho esquerdo. Esse limite lhe impulsiona a aprender a se comunicar piscando, o que resultará em uma nova forma de viver e em um livro de memórias.

Por fim, o filme de Luis Mandoki, *“Gaby, uma história verdadeira”*, de 1987, traça a história da jovem Gaby, que nasceu com paralisia cerebral e só conseguia mover o pé esquerdo. Nascida de uma família rígida no México, os conflitos familiares — rejeição do

pai, apoio da mãe e babá — e sua lucidez a farão driblar o confinamento da deficiência e se tornar uma escritora famosa na idade adulta.

Se pensarmos a deficiência como categoria da modernidade vamos perceber que o corpo deficiente é um corpo submetido a relações de poder na medida em que precisa ser formado, corrigido e receber certo número de atributos (FOUCAULT, 2000). O corpo do deficiente é, então, um corpo atravessado e construído por dispositivos das ciências biomédicas e por um emaranhado de instituições. Assim, os atributos que consideram um corpo como deficiente – num sentido de valor e poder – são construídos socialmente e seus estereótipos são demarcados a partir desses significados.

Enfim, o referido Seminário discutiu o corpo deficiente frente às políticas modernas que justificaram sua medicalização, seus apagamentos/visibilidades, sua moralidade. O corpo deficiente pode ser lido sob as sombras de sua história, sob a escuridão de políticas que sob a certificação das ciências os tornaram estigmatizados – a modernidade fez “sombras” com suas “luzes” (ZOBOLI, 2018).

A experiência aqui relatada dos Seminários de Extensão “Cinema, Corpo e...” não está finalizada, nem alcançou plenamente todos os objetivos que vimos nos propondo, principalmente quanto ao alcance da formação dos futuros professores de EF. Todavia, a participação crescente, não só de acadêmicos de Licenciatura em EF, como também de professores da educação básica e acadêmicos de outros cursos da UFS, além da parceria que vimos solidificando, desde 2015, com o Programa de Pós-graduação Interdisciplinar de Cinema (PPGCINE/UFS), nos impulsiona a continuarmos aperfeiçoando essa empreitada visando impactos nas formações inicial e continuada.

Continuaremos provocando a formação dos jovens através do cinema sob as orientações de Cabrera (2006): vivenciar experiências de estar, ver, refletir e sentir o cinema; produzir impactos emocionais e cognitivos por meio das imagens em confronto/tensão com as palavras (palestras e debates); construir percepções estéticas através do domínio dos códigos técnicos — objetivos e subjetivos — da linguagem cinematográfica; sobretudo, superar qualquer instrumentalidade do cinema sob a égide do assistir para servir a algo, para compreender algo! Com isso, defendemos o princípio de que “a intervenção do particular, do acaso, da emoção, do desencontro, do inesperado,

da contingência, etc. permite, ao contrário, que o cinema proponha soluções abertas e sempre duvidosas às questões formuladas” (CABRERA, 2006, p. 33).

Este é o desafio que continuaremos a enfrentar nas próximas edições, ansiosos que tais experiências frutifiquem em diversas novas frentes de ação pedagógica e formativa, permitindo ampliar o capital cultural desses professores em formação, ao mesmo tempo que se apresenta uma dimensão política do corpo enquanto representações audiovisuais tão bem produzidas pelas distintas obras cinematográficas desse conjunto de países que conseguimos ter acesso e exibi-las.

Considerações finais? ou notas em construção acerca da formação de professores, cinema e capital cultural!

A partir do relato apresentado, podemos constatar o quanto a palavra *experiência*, repetida de modo a se tornar forte diante das edições do Seminário. Também nas licenciaturas e na educação básica sua centralidade está associada a uma releitura contemporânea do conceito de currículo escolar. Tradicionalmente a experiência escolar é pensada e executada de maneira programática segundo o paradigma disciplinar. O currículo consiste na previsão e no controle das ações didáticas no tempo. Outros acontecimentos que não têm identidade com o conceito de disciplina são considerados extracurriculares, ocultos ou mesmo seus obstáculos e distrações. Atualmente, após tantos paradigmas educacionais terem o balançado, tornou-se difícil sustentar um currículo acadêmico ou escolar apenas nas trilhas das disciplinas. Tampouco se mantém fácil a tarefa conservadora de conceber certos percursos como puramente marginais, não-formais ou meramente desvios da norma.

Contemporaneamente, toda *experiência* capaz de gerar registro afetivo, social e cognitivo se tornou experiência de currículo, pois não há como apagar certas vivências de uma dimensão da vida chamada “aprendizagem”; um processo complexo, integral e inesgotável que implica a passagem do mundo apenas estranho para um mundo familiar e íntimo do ser. O objetivo aos poucos faz parte de sua subjetividade e essa deixa suas marcas e memórias no mundo. Para todos os efeitos, o currículo se confunde com a história coletiva e individual ligada à escola, direta ou indiretamente; próxima ou distantemente; ao mesmo tempo em que se enlaça e se confunde com a história da família,

da amizade, dos gostos, dos dramas e felicidades da humanização. Não obstante, os eventos são essenciais nessa nova concepção de formação escolar.

Entendemos que é no projeto pedagógico dos cursos, nas lidas disciplinares cotidianas, nas disputas do movimento estudantil, nas aspirações e desilusões profissionais, no “respirar de ares” acadêmicos que buscam apreender a realidade social que se constroem as bases da ação do futuro docente. Contudo, para além dos muros disciplinares e do desenvolvimento de competências técnicas (tão propaladas inclusive pela normatividade da Base Nacional Comum Curricular recentemente homologada no Brasil), a formação pressupõe projetos de educação, de professor e de humanização. No limite, a universidade, no campo da formação docente, não pode se restringir ao domínio teórico-metodológico do pensar, planejar, operacionalizar o ensino e avaliar disciplinarmente. Entendemos ser necessário um diálogo profícuo e produtivo entre cognição e sensibilidades.

No campo da EF, historicamente, o currículo da formação de professores tem privilegiado o domínio das modalidades esportivas clássicas, as bases da ginástica, lutas e danças para aplicação técnica no ambiente escolar, o despertar dos benefícios da prática dos exercícios físicos para a saúde ou para a vivência de práticas corporais lúdicas, em geral, voltados a uma dimensão técnica e procedimental. Postos deste modo, estes domínios são vivenciados desligados de suas dimensões históricas e culturais, pois limitados ao executar movimentos segundo suas lógicas especializadas de funcionamento.

No caso do esporte e do cinema, por exemplo, as pedagogias especializadas desconhecem ou não associam o fato de ambos serem fenômenos genuinamente modernos, mais especificamente envolverem experiências de massa e de espetáculo. Mais do que isso, tratam-se de práticas intimamente associadas às emoções humanas; de modo que, os mesmos fundamentos estéticos que levam um sujeito ou um grupo a assistir a filmes são os mesmos que levam os mesmos ou outros a assistirem uma partida de futebol. Com a dança e a ginástica não é diferente. Além disso, em todos os casos, a massa não experimenta apenas como espectadora, pois constrói as mais diversas possibilidades de vivenciar essas práticas como atores principais; seja no jogo de futebol com os amigos; seja nas filmagens com câmeras portáteis; seja nas ginásticas ao ar livre e nas danças de salão.

Em contrapartida, a falta de diálogo entre essas dimensões técnicas (do fazer e praticar) e capacidades perceptivas do entorno social no qual se inserem os professores vem se vinculando a ações disciplinares isoladas de um projeto de formação. Isso posto, nos reunimos pensando que o cinema, enquanto manifestação cultural imagética por excelência dos últimos cem anos, pode ser uma ferramenta dialógica que faz interagir a formação cognitiva e estética, *Logos* e *Pathos*, conforme defende Cabrera (2006). Não se trata de uma proposição sustentada em uma perspectiva instrumental, na qual usaríamos o cinema como base ilustrativa de temas candentes à formação dos jovens professores. Pressupomos o cinema como arte essencial à exposição, contradição, tensão e reflexão da vida social em sua completude.

Perspectivávamos tornar a formação docente uma formação de sujeitos antenados com o refletir e sentir o mundo: para isso, oportunidades de acesso a bens culturais devem ser geradas e aproveitadas por esses futuros professores, implicando em ampliação do capital cultural para que os fenômenos sociais, culturais, políticos, econômicos e esportivos sejam visualizados como possibilidades de mediação pedagógica com os conteúdos clássicos e emergentes da EF enquanto componente curricular. Para aqueles(as) que não são específicos da EF, uma ampliação na forma de ver corpo, esporte, saúde sob lentes ampliadas.

Assim, defendemos uma dimensão para além da técnica. Uma dimensão que tencione a própria existência. Partimos da premissa de Adorno (1995) de que a educação só se justifica para a política, para o convívio social e para a civilidade; sendo que essa experiência não se define exclusivamente pelas emoções e afetos, mas também por racionalidades. A educação deve convergir a uma autorreflexão crítica que impeça a repetição de Auschwitz. Uma educação que busca se abrir para o outro só tem como finalidade impedir o avanço da barbárie. O cinema, com suas formas narrativas, sua capacidade de nos transportar para o contato com outras vidas, tempos, mundos e contextos, sua dinâmica que permite construir empatias com sujeitos distintos e distantes de nós pode ser um instrumento de formação contra a barbárie.

Entendemos que a escola é o espaço do conhecimento, do aflorar de sensibilidades estéticas diversas que convirjam a ideais humanos mais elevados de respeito, tolerância,

diversidade e diálogo. A escola é o espaço de refutação do ódio, da barbárie. É preciso buscar novas sensibilidades posto que, conforme refletia Fernando Pessoa (2016, p. 417):

Quanto mais alta a sensibilidade, e mais subtil a capacidade de sentir, tanto mais absurdamente vibra e estremece com as pequenas coisas. É precisa uma prodigiosa inteligência para ter angústia ante um dia escuro. A humanidade, que é pouco sensível, não se angustia com o tempo, porque faz sempre tempo; não sente a chuva senão quando lhe cai em cima. [...] Qual de nós pode, voltando-se no caminho onde não há regresso, dizer que o seguiu como o devia ter seguido?

A humanidade não pode perder, ou deixar de desenvolver, algo que a torna singular no mundo natural, sua capacidade de sentir e expressar sentimentos à medida em que se torna cada vez melhor, mais humana. Defendemos que, no mundo de ênfase nas imagens, nada melhor que fazer uso das imagens em narrativas que explicitem e apresentem aspectos históricos, antropológicos, sociológicos, psicológicos, estéticos e econômicos como podemos ver nas produções cinematográficas dos vários lugares do mundo. Esse é o desafio em curso, em construção...

Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, p. 39-90.

_____. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. 16ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015a, p. 73-78.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. 16ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015b, p. 79-88.

CABRERA, Julio. **O cinema pensa**: uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CARROLL, Noel. Ficção, não-ficção e o cinema da asserção pressuposta: uma análise conceitual. In: RAMOS, F. (Org.). **Teoria contemporânea do cinema**: documentário e narratividade ficcional. v. 2. São Paulo: Senac, 2005. p.69-104.

CRISORIO, Ricardo. Actividad(es) física(s) versus prácticas corporales. In: GALAK, E; GAMBAROTTA, Emiliano. (orgs). **Cuerpo, Educación, Política**: tensiones epistémicas, históricas y prácticas, Buenos Aires: Biblos, p. 21-39, 2015.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Esporte e cinema: possibilidades pedagógicas para a Educação Física Escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 3, n. 2, 2012. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1849> Acesso em: 18 jul. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALAK, E. La curricularización de la educación del cuerpo. En: CRISORIO, R. y ESCUDERO, C. (orgs). **Educación del cuerpo: currículo, sujeto y saber**, La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2017. p. 191-197.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34. 2009.

_____. **El malestar en la estética**. Buenos Aires: Capital Intelectual. 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 4ª ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LARROSA, Jorge; LOPES, José de Souza Miguel. Olhar a infância. In: _____. **A infância vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos da psicologia histórica**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

ZOBOLI, Fabio. Educação do corpo e política. In: RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Diálogos interdisciplinares e temas emergentes na produção do conhecimento em Educação**. João Pessoa: CCTA, 2018, p.365-374.

Sobre os autores

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Doutor em educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema - PPGCINE/UFS. Professor do Departamento de Educação Física da UFS.

E-mail: hamilcarj@bol.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

Fabio Zoboli

Pós doutor em "Educação do corpo" pela Universidad Nacional de La Plata - Argentina. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação em Cinema da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Membro do grupo de pesquisa "Corpo e Política".

E-mail: zobolito@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5520-5773>

Cristiano Mezzaroba

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professor do Departamento de Educação Física da UFS. Membro do GEPESCEF-UFS – Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física da UFS.

E-mail: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

Renato Izidoro da Silva

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação em Cinema da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Coordenador do grupo de pesquisa "Corpo e Política".

E-mail: izidoro.ufs@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0368-7384>

Notas

ⁱ Bourdieu, sendo leitor e crítico de Marx, amplia o termo *capital* para além do econômico, entendendo que não acumulamos somente bens e riquezas econômicas, mas também incorporamos simbolismos, materialidades e formas de conhecimento que se transformam em formas de poder. Para Bourdieu (2015a), o capital cultural é um dos elementos que compõe o capital social, que, segundo tal sociólogo, configura-se como “o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outro termos, à *vinculação a um grupo* [...]. O volume de capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado.” (BOURDIEU,

2015a, p. 75). Ainda conforme Bourdieu (2015b, p. 82), o *capital cultural* pode ser observado/analísado a partir de três formas: “[...] no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais.”

ii O grupo “Corpo e Política” tem uma linha de pesquisa denominada “Corpo e Comunicação” que estuda as mídias como ferramenta cultural e política para a governabilidade do corpo e seus comportamentos sociais: texto, pintura, fotografia, cinema, televisão, rádio, internet e mídias digitais.

iii O grupo “Corpo e Política” tem uma linha de pesquisa denominada “Corpo e Comunicação” que estuda as mídias como ferramenta cultural e política para a governabilidade do corpo e seus comportamentos sociais: texto, pintura, fotografia, cinema, televisão, rádio, internet e mídias digitais.

iii Para Carroll (2005), os filmes de ficção e não-ficção (documentários) compartilham uma série de estruturas e recursos narrativos que fazem com que a distinção seja meramente ilustrativa. No entanto, cabe ao documentário (o filme de asserção pressuposta) estabelecer uma dinâmica entre o autor do filme e o espectador que seja relacional, pois tanto o autor possui intenções assertivas ao elaborar o filme quanto o público a de reconhecer e assumir uma postura assertiva diante da obra, ou seja, cabe-nos construir de maneira dialógica formas possíveis de percepção do público acerca destas tensões.

Recebido em: 15/12/2018

Aceito para publicação em: 07/01/2019